

O Amigo Beletrista

por Yvonne do Amaral Pereira

“De novo subiu o diabo a um monte muito alto, e lhe mostrou os reinos do mundo, e a glória deles. E lhe disse: – Tudo isto te darei, se prostrado me adorares. Então lhe disse Jesus: – Vai-te, Satanás! Porque escrito está: – Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. Então, o diabo o deixou; e eis que chegaram os anjos e o serviram.”

(Mateus, 4:8 a 11.)



Os mais ásperos testemunhos costumam ser exigidos dos médiuns antes que eles se decidam a assumir a tarefa, prestando-se a trabalhos de grandes responsabilidades, se é que nos labores mediúnicos existirão desempenhos de responsabilidades menores. A famosa iniciação, outrora exigida nas escolas de Doutrinas Esotéricas, para se formarem os oráculos, os profetas, as sacerdotisas, etc., não seria, certamente, um mito, mas necessidade que nos dias presentes parece clamar pelas atenções gerais, a fim de que o intercâmbio entre a Terra e o Invisível se exerça ainda com maior segurança e facilidade. Não ignoramos que a Codificação espírita não trata dessa iniciação, pois que popularizou a possibilidade do intercâmbio espiritual, declarando mesmo, tachati-

vamente, que, para se comunicar o homem com os Espíritos - “não há necessidade alguma de preparo ou iniciação.”

Realmente, para nos comunicarmos com os Espíritos não será necessário senão possuir dons mediúnicos. Todavia, os fatos e a experiência testemunham que, para a mediunidade apresentar bons frutos, será preciso algo que poderemos classificar de iniciação. Os Instrutores Espirituais, por sua vez, assim como os demais ensinamentos firmados pelos colaboradores de Allan Kardec, são incansáveis em advertir os médiuns quanto a uma elevação de vistas, no exercício da faculdade, uma renovação cuidadosa do próprio caráter, um critério e uma reeducação à base do Evangelho, que outra coisa não seriam

senão uma iniciação, conquanto efetivada à revelia de imposições acadêmicas e inteiramente subordinada à boa vontade, ao esforço e ao discernimento do próprio médium, sem sequer o afastar da sua vida comum de relação, o que parece mais meritório e honroso do que as antigas iniciações realizadas sob o jugo férreo das Academias de Doutrinas Secretas.

Desconhecemos se com os demais médiuns se passarão os fatos que conosco se passaram, marcando o estabelecimento definitivo de nossas tarefas mediúnicas. É possível, porém, que, pertencendo, como espírito, a uma falange de iniciados orientais (hindus e egípcios), como pupila e aprendiz, que se reeduca sob sua assistência espiritual, nada mais se verificasse do que a tradição ►

esotérica da iniciação, não obstante feita à sombra do Consolador fora do seio de academias... pelo menos de academias terrenas, pois poderemos, sim, pertencer a Escolas ou Academias Espirituais, subordinados às suas exigências e programações, ignorando-o, porém, durante a vigília, mas tudo abrangendo no estado de sono ou de transe. O que sabemos é que, no que nos diz respeito, houve um verdadeiro trabalho de iniciação, o qual vem exigindo longo tempo de nossa perseverança e dedicação ilimitada, pois que não terminaram ainda os testemunhos exigidos pelos Mestres Espirituais, testemunhos que lembrariam os dos antigos pretendentes aos segredos esotéricos, nas Escolas de Ocultismo do passado. E tais provas tanto se realizam sobre a Terra, ligadas aos acontecimentos diários, como no Invisível, durante os desprendimentos em corpo astral a que nos têm obrigado os queridos instrutores.

Silenciaremos quanto à natureza de muitos testemunhos terrenos, não os confundindo, embora, com as provações e os resgates oriundos de deslizes do pretérito reencarnatório, que nos foi necessário expurgar definitivamente, numa como renovação de valores, indispensável ao nosso progresso normal como ao mandato mediúcnico. Apenas adiantaremos, como curiosidade a ser examinada pelo leitor, que os mesmos testemunhos – espécie de exame prévio de um candidato a um curso escolar – se constituíram de provas de firmeza e equilíbrio em todas as contingências sedutoras da vida humana, ou seja, de todas as tentações risonhas que tendessem

a nos desviar da boa rota, de dificuldades e peripécias, não faltando nem mesmo a tentação brutal do próprio roubo! Tais testemunhos foram admiravelmente dosados e seriados pelos Instrutores Espirituais, tal como se verifica nas provas em uso nos nossos institutos de ensino. Custaram-nos eles, os testemunhos, uma vida inteira de atribuições e lágrimas, de sacrifícios, de desilusões e renúncias, e devemos confessar, aos que nos lerem, que, de todas as provas que tivemos de oferecer à Doutrina do Mestre, para poder ser admitida, como cooperadora, no corpo de servidores investidos de tarefas também no Invisível, a mais difícil, a mais penosa para o nosso caráter ainda inferior, foi a do Perdão.

Perdoar! Mas, perdoar ofensas graves, conforme recomendam os ensinamentos do Senhor, como é difícil! Cremos mesmo que, num sentido geral, é o que nós, criaturas humanas, aprendemos a exercer em derradeiro lugar, pois o Perdão, sendo modalidade do amor ao próximo, é tão elástico e profundo como o próprio Amor. Somente Deus saberá qual o grau por nosso espírito conquistado ao sair desse pesado acervo de testemunhos. A grande paz que hoje visita nossa consciência, todavia, avisa-nos de que tantas lágrimas e humilhações, tantas lutas e desilusões, sofridas desde o berço, conferiram ao nosso ser a graduação necessária aos pequenos mandatos que, como medianeira admitida nos labores do ▶

O Perdão, sendo modalidade do amor ao próximo, é tão elástico e profundo como o próprio Amor.



ESTUDO

Invisível, nos têm sido confiados.

Declaramos ter como instrutores e mestres espirituais, responsáveis por nosso progresso na existência presente, pelo menos, Espíritos de hindus e egípcios. Talvez, por isso, estas particularidades de iniciação rigorosa resultem dos métodos das Escolas a que tais instrutores se prendem no Espaço, como se prenderam na Terra, e não seja o fato, ou a exigência, de ordem tão geral como se poderia supor. O certo é que até mesmo nossos estudos doutrinários, nossos trabalhos espirituais, nossas leituras, e até passeios e diversões, são por eles dirigidos, sob o máximo rigor e método invariável. E quanta renúncia tudo isso nos há custado! Escolhem os livros que devemos ler, suspendendo, por vezes, leituras doutrinárias, para que não sobrevenha o fanatismo, e advertem-nos da inconveniência dos jornais! Apontam-nos as horas de trabalho, as companhias e os amigos, os Centros Espíritas a freqüentar. Desviaram-nos o matrimônio das preocupações, desde antes dos vinte anos de idade. E se amarguras colhemos, insistindo em

obstante a grande vocação, pois nos diziam os instrutores hindus, vendo-nos insistir nas tentativas de um curso de piano:

– “Somente um caminho deverá existir à tua frente: a Doutrina do Cristo, o Consolador! És espírito reincidente em erros graves, a quem se cogita, do Invisível, de auxiliar a se reerguer, agora que a seleção dos valores existentes no Planeta será feita, para o advento da Luz. A Música virá mais tarde, com o dever cumprido. Obterás compensações às lágrimas que chorares pela impossibilidade desse ideal.”

E, com efeito, temos tido essas compensações, quando, nos dias atuais, vemos diante de nós, caridosamente materializados, para que nos seja possível enxergá-los detalhadamente, esses abnegados mestres de iniciação, belos e sábios, a quem veneramos com todas as forças da alma, aos ternos amigos Bezerra de Menezes, Charles, Frederico Chopin, Léon Denis, Léon Tolstoi e muitos outros cujos nomes jamais foram revelados. O carinho que nos dispensam, a dedicação e bondade de que cercam o nosso

Não sabemos se se tratava de uma realização de Além-Túmulo, esse caminho melancólico

ilusões do gênero, reconhecemos que provieram da desobediência aos seus conselhos. Pertencendo a uma família onde havia bons intérpretes da Música, fomos impossibilitada igualmente de estudá-la, não

espírito todos os amigos do plano invisível, desde esses mestres até pobres sofredores e criminosos recém-convertidos, aos quais temos podido socorrer sob a direção dos nossos Guardiães, são hoje a me-



lhor recompensa às provações e aos desgostos que acompanharam nossa vida, desde o berço.

Muito jovem ainda, obtínhamos do Além muitos ditados de ordem particular, para sofrendores do corpo e do espírito, num “Posto Mediúnico” de antiga “Assistência aos Necessitados”, e também os esboços das primeiras obras destinadas ao público, recebendo ordem do Espaço para conservá-los à espera de oportunidade, para possível publicação. Certa noite, após o receituário no “Posto Mediúnico”

Espíritos, como de desencarnados, assuntos preciosos para romances, novelas e estudos psicológicos, de grande interesse para o público. Convidou-nos, após, a segui-lo, em espírito, para que nos descrevesse o primeiro caso, ou tese, que desejava ditar por nosso intermédio, visto que simpatizava extremamente com nossa pessoa e sabia como acionar a mente mediúnica para escrever um trabalho longo. Esperava, porém, poder narrá-lo de “viva voz”, primeiramente, antes de iniciar o ditado psicográfico, pois que, se pudésse-

Muito jovem ainda, obtínhamos do Além muitos ditados de ordem particular

do “Centro Espírita de Lavras”, serviço que, por esse tempo, era diário, apresentou-se à nossa visão um Espírito cuja configuração perispiritica mais se assemelhava a um homem terreno do que mesmo a um habitante do invisível. Disse-nos ele, sem rodeios, haver vivido no Rio de Janeiro e em São Paulo e ter desencarnado no ano de 1911. Negou-se, no entanto, a declinar o nome, embora lhe houvéssimos solicitado a fineza de no-lo esclarecer, porquanto, ainda hoje, não gostamos de tratar com Espíritos anônimos. Não obstante, declarou ter sido um escritor, ou beletrista, e que, então, apesar de desencarnado, alimentava ardentes desejos de continuar escrevendo, pois que, como Espírito, descobrira na vida dos homens e nas recordações de outros

mos penetrar, com a própria visão, o que ele já estabelecera na mente como entrecho da sua história, fácil se tornaria o ditado, a escrita, quer para ele quer para nós, pois bastaria pequeno impulso vibratório de sua mente para que o entendêssemos bem e acelerássemos a tradução, uma vez que já se encontrariam em nosso pensamento os elementos principais, tornando, assim, dispensável criar em nosso cérebro, à força de irradiações e sugestões, qualquer cena ou panorama.

O discurso interessou-nos, e não só o consideramos bonito como até lógico. Não obstante, oramos, confiando-nos fervorosamente à assistência dos mentores espirituais, pedindo mesmo seu auxílio, porquanto somente nos interessariam acontecimentos mediúnicos que se

ESTUDO

pautassem pela obediência às leis da Verdade e fossem do agrado deles próprios, os Guardiães. Aquiescemos, pois, em atender ao visitante, seguindo-o em corpo astral, desde que os Guias não impedissem o intento; porém, somente o faríamos na noite seguinte. Entretanto, nenhuma intuição, nenhum conselho nos aclarava a indecisão. Os instrutores não desejavam intervir... e compreendemos, então, ser o assunto pertinente ao nosso livre-arbítrio...

Na noite seguinte, dormimos sossegadamente o primeiro sono, sem que nenhuma anormalidade sucedesse, como sói acontecer, dado que o desprendimento apenas

independe de agentes superiores para seu exercício. De outro modo, acreditamos que a vigilância daqueles excelentes amigos se verificava em torno do caso, sem, contudo, tornar-se suspeitada sequer pela intuição, pois assim mesmo deveria ser, uma vez que se tratava de prova de responsabilidade, um testemunho cuja gravidade o próprio leitor avaliará dentro em breve.

Afastado nosso espírito do corpo carnal, foi-nos possível examinar melhor a configuração desse habitante do Invisível, que tão atenciosamente nos procurava para um trabalho no seio da Doutrina por nós esposada. Compreendemos, imediatamente, tratar-se

o fardo carnal em 1911, sem, no entanto, ter abandonado ainda os perímetros terrenos, o que, aliás, se deduzia de sua aparência fluidica pesada.

Uma vez completado o desprendimento, ofereceu-nos ele, gentilmente, o braço, cavalheiro fino que parecia ter sido quando encarnado, e pusemo-nos a caminhar. Nós nos sentíamos tranqüila, compreendendo em nós mesma bastante vigilância para não nos deixar arrastar a nenhuma aventura espiritual que redundasse em domínio obsessivo, pois confiávamos nos Guardiães, aos quais solicitáramos assistência para o caso, na véspera, embora no momento não lográssemos descobrir nenhum deles à testa dos acontecimentos.

Caminhávamos por uma estrada ou rua sem calçamento, mas de terreno muito batido, polvilhada de uma substância fina, de cor creme brilhante, qual areia dourada, e notamos que subíamos ligeira inclinação, durante todo o percurso. Quanto tempo levou o trajeto não poderíamos precisar. Jamais se poderá medir o tempo nessas circunstâncias, ainda que se trate de poucos minutos. Pelo menos assim sucede, freqüentemente, conosco. Ao desejar fazê-lo, a mente se perde em vertigens e confusões... de forma que não se poderá saber, ao certo, se uma caminhada foi longa ou breve, instantânea ou demorada. De um e outro lado da referida estrada, julgamos perceber vegetação, sem logarmos averiguar positivamente o fato, visto existir escuridão nas margens e somente a estrada parecer iluminada. Não sabemos se se tratava de uma realização de Além-Túmulo, ▶

Afastado nosso espírito do corpo carnal, foi-nos possível examinar melhor a configuração desse habitante do Invisível

se verifica achando-se o médium desperto, condição para que se processe o sono magnético. Poucos minutos depois da meia-noite, porém, havendo despertado naturalmente, distinguimos à beira do nosso leito o Espírito que se apresentara na véspera, ao qual chamaremos “Beletrista”, à falta de um nome, que melhor o qualifique, e, em seguida, caímos em transe letárgico, num “arrebamento do espírito” para o plano invisível. O processo para o desdobramento verificou-se exatamente como se dá sob a direção de Charles, dos hindus ou de Bezerra de Menezes, o que leva a crer tratar-se de mecanismo próprio da faculdade em si mesma, que

de entidade não evoluída moral-espiritualmente, conquanto não fosse igualmente nociva, ou uma individualidade de ordem muito inferior. Moralmente, apresentava-se medíocre, visto não ser evangelizada, não estar espiritualizada. Intelectualmente, seria adiantada, dado que fora um escritor, um homem douto, pois que fora também médico na Terra, inteirando-nos nós desta particularidade, não porque ele, o Espírito, no-la revelasse, mas graças ao anel de grau que lhe cintilava no dedo anelar da mão esquerda. Espiritualmente, porém, vulgaríssimo, necessitado de tudo, visto que estávamos já no ano de 1930 e ele confessava haver deixado

esse caminho melancólico. Algumas paisagens fluídicas tanto se assemelham às da Terra que, muitas vezes, será difícil distinguir com exatidão a natureza da sua construção. Acresce a circunstância de que a própria Terra se torna diferente através da visão espiritual, tudo parecendo mais belo, como que envolvido em fluidificações brancas com reflexos levemente azuis. Outras, no entanto, conquanto se assemelhem às da Terra, são inconfundíveis pelo padrão de beleza e encantamento, que se impõe à vista.

Durante o trajeto, pusemo-nos a observar as particularidades que teriam caracterizado a personalidade humana do amigo espiritual que acabávamos de adquirir, exatamente como sucede quando satisfazemos ociosas curiosidades em torno das pessoas a quem somos apresentados em sociedade. Observamos-lhe a indumentária, a “voz”, um trejeito particular dos lábios, ao “falar” com mais energia, a irritação nervosa (teria sido um homem irritadiço), o perfume da brilhantina com que empastava os cabelos, lenço fino, de seda pura, de cor creme, que trazia no bolso externo do paletó, sobre o peito, e que de quando em vez, retirava, nervoso, para passar pela frente e o rosto; punhos e colarinhos muito engomados e brilhantes. Seu terno era de cor cinza, um perfeito terno terreno, porém, o “tecido” um tanto brilhante e o paletó longo, amplo, com uma abertura de cerca de vinte centímetros na costura das costas, exatamente da bainha para cima; sapatos pretos muito polidos, cabelos lisos e abundantes, partidos ao lado esquerdo, formando volu-

moso topete. Era de tez clara, glabro, e contaria, aproximadamente, quarenta anos de idade. Durante o giro conversou com desenvoltura, revelando-se excitado, e narrou particularidades chocantes de sua vida, das quais, porém, não nos pudemos recordar após o transe, certamente graças à ação caridosa dos instrutores espirituais para com ele próprio. Recordamo-nos, apenas, de que sua preocupação

máxima era a falta do divórcio no Código Civil Brasileiro, o que, na sua opinião, comumente arrastava criaturas, dele necessitadas, a situações deploráveis, de que se originavam desequilíbrios embaraçosos em torno delas próprias e no seio da sociedade. Recordamo-nos, ainda, de nos ter asseverado que profundo esgotamento nervoso, verdadeiro estado traumático, acometera seu organismo terreno; que esse aci-

Espírito de um médico, mesmo depois de abandonar corpo carnal, poderá ainda exercer sacerdócio da Medicina



dente degenerara em neurastenia dominante, e que isso lhe acarretara a morte. Que, moralmente, muito sofrera neste mundo e continuava sofrendo como Espírito; não obstante, no momento, já se achava conformado com o inevitável. E que, no Além, era acusado, por outros Espíritos, de haver praticado o suicídio, de que lhe resultara a morte prematura, mas que ele disse não se lembrava absolutamente, e nem sequer jamais pensara em recorrer a semelhante alvitre, a fim de escapar às lutas morais que o assediaram, e, se tal realmente se deu, como médico, que era, somente poderia atribuir o fato a um ato irrefletido, durante alguma crise da sua depressivamente neurastenia.

Efetivamente, esse Espírito, que irradiava simpatia, embora sem pertencer a uma ordem elevada do

o qual nos sentimos invadir de sincera compaixão pelo irmão que tão gentilmente nos procurava, confiante, para desabafo do coração torturado pelos infortúnios. E foi com o máximo prazer e um devotado interesse pela sua causa que nos dispusemos a ouvir, ou antes, a “ver”, a narrativa do romance que ele desejava ditar aos homens por nosso intermédio.

Chegáramos, no entanto, ao término do giro encetado. Disse “Beletrista”:

– “Criar a ambientação para a minha história, consolidá-la, mantê-la, para que o médium a compreenda como uma realidade, será para mim difícilimo, conforme já expliquei. Poderia fazê-lo, porém imperfeitamente. Meu pensamento, pouco adestrado, mostraria intermitências, vacilaria, produzindo

que se passaram, sim, ser-me-á possível... Ela vive em mim, a história, dentro do meu ser! É a própria força do meu sentir, o meu drama íntimo, o sentimento de que se impregnou todo o meu ser moral, e minhas vibrações totais estão deles tão saturadas que eu mesmo não compreendo como V. Exa. (tratava-nos finamente, a prezada entidade) não está percebendo cenas das recordações queridas e dolorosas que esvoaçam em torno de mim... pois não ignoro que os médiuns espíritas possuem um segundo poder de percepção e de visão que escapa aos demais homens...”

– “Assim é, meu caro irmão – respondemos, interessando-nos mais pelo companheiro espiritual. – É espírita, porventura?... Pois as entidades desencarnadas podem participar de quaisquer crenças ou opiniões religiosas ou filosóficas...”

O singular acompanhante teve um gesto algo incerto, não destituído de certa graça, e respondeu, delicado e sincero:

– “Minha excelente senhora... Eu sou, apenas, um “homem” que sofre... e a quem a morte ainda não consolou nem liberou de profundas apreensões e muitos desgostos... Creio na existência de um ser Todo-Poderoso, ao qual respeito... é o que muito lealmente posso afirmar... Creio, mas não o compreendo, nem tampouco as leis por Ele criadas... Não pratiquei jamais qualquer religião, pela simples razão de que não possuía nenhuma, como não possuo até agora... Se ainda fosse um homem carnal, minha religião seria a Ciência, pois eu amava profundamente a Medicina... e, além

No Além, era acusado, por outros Espíritos, de haver praticado o suicídio

mundo invisível, nenhum característico dos Espíritos suicidas apresentava, o que confirma a versão de que os neurastênicos que se matam durante um acesso do terrível mal não passam pela aspereza das repercussões conscienciais comuns à maioria dos suicidas, conquanto hajam de arrostar a responsabilidade dos atos que tenham dado origem ao grande desequilíbrio nervoso por que se deixam vencer.

Profunda afinidade espiritual resultou desse colóquio, durante

cenários escassos, indecisos, defeituosos, conforme estou habituado a observar aqui, entre companheiros de infortúnio que se propõem narrar as próprias desgraças, uns para os outros. Prefiro reconhecer que se trata de talento psíquico de ordem moral-intelectual elevada, que não possuo... e nem sei se o possuirei algum dia... Narrar a história-recordação, porém, somente os fatos que realmente se desenrolaram, evocando-a detalhadamente, no próprio ambiente ou cenário em

desta, a minha crença no Autor do Universo... Mas, sei que já não sou um homem, no sentido literal do termo, e por isso não mais poderei exercer a Medicina ou dedicar-me à Ciência... Perdi ambas, quando me depositaram num túmulo, convencidos de que eu deixara de existir...”

– “Como espírita que sou – acudimos nós, impressionada pelo tono de tristeza profunda com que tais frases eram pronunciadas -, eu vos afirmo, caro irmão: – Espírito de um médico, mesmo depois de abandonar corpo carnal, pela morte deste, poderá ainda exercer sacerdócio da Medicina por muitas formas diferentes, das quais a mais comum é a do ditado mediúnico, através dos chamados “médiuns receiptistas”, para o tratamento da saúde de muitos doentes que acorrem aos Centros Espíritas... E poderá também cultivar a Ciência em geral, quer nas regiões de Além-Túmulo, quer na Terra entre os homens, a estes auxiliando discretamente, em estudos e experiências da especialidade a que se dedicou... e, assim, servindo ao Progresso, à Humanidade e a Deus, também se eleva honrosamente no próprio conceito...”

– “Essa honra, minha senhora, ainda não me foi dado alcançar, depois da morte... Disseram-me ser necessárias tantas e tantas qualidades pessoais, para que tal seja permitido... Renovações, renúncias... e eu não me sinto ainda bastante forte para um novo curso de Medicina, todo especial, neste lado da Vida... Aliás, vivo ainda na Terra, mesmo como Espírito, e não propriamente no Além-Túmulo... Prendo-me

a um passado que me tortura e me encanta, que me desola, mas que também é a única recordação consoladora que me resta... E para suavizar tantas amarguras e tanta solidão foi que procurei V. Exa., a fim de escrever algo que me distraia e ajude a esquecer...”

– “E como soube que existo?... Como me pôde descobrir?...”

– “Se eu fosse um homem, res-

Compreendemos que “Beletrista” necessitava de tudo e, também, que seu esclarecimento não seria, certamente, serviço para nossas possibilidades, mas resultado dos esforços dele próprio, através do tempo e da boa vontade que desejasse mobilizar a benefício do próprio progresso. Silenciamos, portanto, dispondo-nos a atendê-lo na sua presunção de escritor espiritual.

A afinidade dos sentimentos e ideais impelem e atraem as almas umas para as outras

ponderia como tantas vezes ouvi, outrora, em nossa gíria nacional: “Força de simpatia!...” Mas, um Espírito, um médico, dirá: a afinidade dos sentimentos e ideais impelem e atraem as almas umas para as outras... tal como, na Química, duas substâncias se atraem e unificam para uma realização concludente...”

A essa altura, porém, encontrávamo-nos à frente de uma residência terrena, em estilo bastante antigo, espécie de “chalé” normando, mas confortável e bonita, com amplo jardim em torno, sombreado de pequenas palmeiras e arvoredos frondosos, os quais imprimiam à habitação certo aspecto senhorial. Tufos de folhagens, como tinha-





“Nesta casa residiu a mulher que amei, durante a sua vida quase toda... Maria Elisa, a minha Elisinha

rões, begônias e samambaias, se misturavam a gerânios e cravinas multicores dando feitiço gracioso aos canteiros que se delineavam, aqui e ali, dentro do silêncio da noite, aclarados por um reflexo delicado, como de luar, o qual deitava luz bastante para tudo se distinguir. A casa, silenciosa e sugestiva, foi-nos franqueada. Vimos “Beletrista” abrir a porta e fazer-nos entrar em primeiro lugar, num gesto cavalheiresco, muito embora soubéssemos que um Espírito desencarnado, ou mesmo encarnado, mas no estado de desprendimento, atravessa qualquer corpo, por mais denso que seja, sem necessidade de abrir pas-

sagem. Notamo-lo porventura mais entristecido, ao penetrar o interior do gracioso “chalé”. E ouvíamos que dizia, quase soturnamente:

– “Nesta casa residiu a mulher que amei, durante a sua vida quase toda... Maria Elisa, a minha Elisinha... Acolá, o velho piano de sua mãe, onde ela própria ensaiou os primeiros acordes de música e o seu retrato, ainda conservado por parentes que a amavam e lamentavam o seu dramático destino.

Um sentimento de ternura profunda envolveu-nos o coração, decerto o mesmo sentimento que nosso acompanhante experimentava à evocação da criatura amada e sofremos, com ele, a amargura

da saudade que lhe despedaçara o coração. Era uma jovem bela e sorridente, trajada e penteada segundo os modelos do início do presente século. Lembramo-nos então de que, em nossa casa paterna, ao tempo de nossa infância, existiam fotografias de nossa mãe e de nossas tias apresentando modelos idênticos, e sorrimos, dizendo ao sentimental amigo “Beletrista”:

– “É uma imagem do fim do Romantismo... Linda, com efeito...”

Ele sorriu também, enternecido, parecendo reconfortado com a nossa apreciação.

– “Sim – afirmou ele –, Maria Elisa era alva, loura e bonita... Tão bonita quanto desgraçada...”

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Fonte:

GAMA, Ramiro. *Lindos Casos de Chico Xavier*.